



MODOS DE FAZER WAYS OF MAKING

COORD.
VÍTOR OLIVEIRA JORGE



CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

MODOS DE FAZER *WAYS OF MAKING*

COORD.
VÍTOR OLIVEIRA JORGE

Título: *Modos de Fazer/Ways of Making*

Coordenação: Vítor Oliveira Jorge

Design gráfico: Helena Lobo Design | www.hldesign.pt

Paginação: João Candeias

Imagem da capa: Retrato de mulher com traje minhoto (aspeto parcial). Quadro de Matoso da Fonseca, 1900
(col. particular). Foto VOJ.

Edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória

Via Panorâmica, s/n | 4150-564 Porto | www.citcem.org | citcem@letras.up.pt

ISBN: 978-989-8970-23-7

DOI: <https://doi.org/10.21747/9789898970237/mod>

Porto, Maio de 2020

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto UIDB/04059/2020.

SUMÁRIO/TABLE OF CONTENTS

PREÂMBULO GERAL	7
CONFERÊNCIA	
Of Work and Words: Craft as a Way of Telling	13
Tim Ingold	
PARTE I – ETNOGRAFIAS	33
Teias com Saber	35
Teresa Soeiro, Ana Dolores Leal Anileiro	
Pelo Som da Arte do Fogo	53
Marisa Pereira Santos	
Fazer Leite: sobre Técnicas de Ordenha e a Relação entre Vacas e Criadores na Alta Sabóia (França) e no Jura Suíço	65
Jeremy Deturche	
As Chegas de Bois no Barroso (Norte de Portugal): Saber Fazer um Touro de Combate	87
Cristiano Pereira	
Precarização e Trabalho no Corte de Cana no Pontal do Triângulo Mineiro	99
Daniel Féo Castro de Araújo	
Descobrimdo Sabores, Produzindo Saberes: uma Proposta de Ponto de Memória da Rapadura para a Comunidade de Campo Alegre de Baixo (MT)	121
Zuleika A. Arruda, Joyce Aquino, Nadir F. B. Bittencourt, Arivan Silva, Paulo Sleutjes	
Viola-de-Cocho: o Saber/Fazer que dá Ritmo às Celebrações Mato-Grossenses (Brasil)	135
Letícia M. Tamiozzo, Zuleika A. Arruda, Nadir F. B. Bittencourt, Arivan S. Silva	
Cartografia dos Lugares de Resistências dos Modos de Fazer da Rede de Dormir: Redeiras de Várzea Grande (MT) – Brasil	153
Zuleika A. Arruda, Nadir F. B. Bittencourt, L. L. Souza	
Modos de Fazer da «Antropologia Colonial»: a Missão Científica de Mendes Correia à Guiné Portuguesa (1945-1946)	167
Patrícia Ferraz de Matos	

PARTE II – PESSOAS, CORPOS, SUBJETIVIDADES, REPRESENTAÇÕES, CONFLITOS	181
Cantanhez National Park: how People Perceive Landscapes	183
Gonçalo Salvaterra, Catarina Casanova	
Organizações de Base Comunitárias e Direitos à Cidade em Salvador (BA- Brasil): uma Experiência de Fazer Pesquisa Engajada	197
Maria Gabriela Hita; John Gledhill	
Ways of Making a Human Otherwise: after-Ethnography with Migrant Labourers in Italian Agro-Industrial Enclaves	219
Irene Peano	
Como se Faz o Corpo. A Construção da Antropologia: da Antropologia Física à Antropologia da Saúde	231
Álvaro Campelo	
Tecnologias de Si — a Miniatura, o Gigantesco e o Afeto na Representação da Nação	253
Paula Mota Santos	
Como se Faz um «Eu». Retornando Sucintamente ao Problema da Constituição do Sujeito e da Subjetividade	267
Vítor Oliveira Jorge	
Biografias Tóxicas em Portugal: Contaminação, Memória e Resistência	285
Sérgio Pedro, Lúcia Fernandes	
Scale and Metaphor: the Role of the Body in the Perception of Scale	299
Sara Navarro	
PARTE III – ARTES	305
Fazer Coisas (ABC)	307
Miguel Leal	
Painting/Making: the Question of Meanings and Values	315
Cristina Lopes	
Filmosofia: uma Força Produtora de Sentidos Fílmicos	323
Deise Quintiliano Pereira	
Modos de Expressão e Receção Significantes no Cinema	335
Pedro Alves	

«Nós não Estamos Algures» (Ernesto de Sousa/Jorge Peixinho): um Exercício de Re-interpretação Ana Teresa Cancela Pires	347
Residência Artística como Designer no Senegal. Designer Cultural Rita Almeida Filipe	361
Existências e Invisibilidades — a Questão do Processo no Ensino/Aprendizagem em Arquitetura Mário Mesquita	373
Vista Alegre, Making and Thinking Rita Almeida Filipe	387
O Olhar Único do Designer na Observação da Paisagem: o Caso do <i>Arquivo Poético Portuense</i> Olinda Martins, Joana Quental, Alice Semedo	399
Configurar-Desfigurar-Transfigurar: de Conversas com Versos a Diálogo com a Poesia Ana Isabel Gouveia Boura	415
PARTE IV – HISTÓRIAS	425
Fazer e Partilhar a Arte Rupestre Atlântica: Evidências de Conectividades Pré-Históricas Joana Valdez-Tullett	427
<i>Fazer um Povo. A Construção dos Callaici entre a Arqueologia e a História Antiga</i> António Manuel S. P. Silva	453
Aldeamentos Jesuíticos na América Portuguesa: Controle Espiritual e Temporal (1650-1700) Ana Elisa Arêdes	469
Modos de Fazer «Santos»: a Escrita de «Vidas» de Varões e Mulheres «Ilustres em Virtude» em Portugal (Séculos XVII-XVIII) Paula Almeida Mendes	481
Da Prática da Cirurgia à Pesca da Baleia — Modos de Fazer no Brasil Colonial Monique Palma	497
PARTE V – PROPOSTAS DE REFLEXÃO	511
Da Semente à Estrela: Variações sobre o Tema da Circularidade Francisco Oneto Nunes	513
A Ideia de Trabalho Artesanal no Pensamento de Richard Sennett Teresa Vasconcelos Sá	525

Compartilhar Percursos: Aprendizagem Colaborativa na Prática da Pesquisa Graziele Ramos Schweig	537
Ways of not Making Anything: a Critical Point of View Considering Singularity Paulo Alexandre e Castro	549
<i>Responsabilidade Relacional</i> e a Constituição de uma Ética Relacional do Cuidado no Pensamento Bioético Stella Zita de Azevedo	555
O «Melhoramento Humano» e a Discussão sobre os Limites do Fazer Marta de Mendonça	571
As Crises do Fazer no Antropoceno Jorge Leandro Rosa	583
CONFERÊNCIA Art and Anthropology for a Sustainable World Tim Ingold	603

DA SEMENTE À ESTRELA: VARIAÇÕES SOBRE O TEMA DA CIRCULARIDADE

FRANCISCO ONETO NUNES*

Resumo: Escreveu Tim Ingold em 1991, no prefácio a um dos mais interessantes trabalhos de Antropologia Marítima dessa época que «... we should turn seawards to rediscover the continuities of the dwelt-in world». Alargando o âmbito da referência ao mar e estendendo-o à atmosfera e às estrelas, este texto identifica os domínios da água e da abóbada celeste enquanto protótipos culturais de circularidade. Para tanto, convoca a teoria autopoietica da Escola de Santiago, a Arqueologia Pré-Histórica e os estudos paleoclimáticos, a Astronomia Cultural e a Etnografia. Este esboço exploratório beneficia do *background* crítico dos sucessivos momentos criativos da Antropologia das últimas décadas — fenomenologia, «ontological turn», «affective turn»... — e trata com um interesse especial algumas das ideias inovadoras da obra de Tim Ingold.

Palavras-chave: protótipos culturais de circularidade; água; *skyscape*; ontologia política.

Abstract: In the foreword to one of the most interesting works on Maritime Anthropology published in 1991, Tim Ingold writes: «... we should turn seawards to rediscover the continuities of the dwelt-in world». Broadening the scope of this reference to the sea and extending it to the atmosphere and the stars, this text identifies the domains of water and sky as cultural prototypes of circularity, summoning the autopoietic theory of the Santiago School, Prehistoric Archaeology and paleoclimatic studies, Cultural Astronomy and Ethnography. This exploratory sketch benefits from the critical background of the successive creative moments of Anthropology in the last decades — phenomenology, ontological turn, affective turn ... — and treats with special interest some of the innovative ideas of Tim Ingold's work.

Keywords: cultural prototypes of circularity; water; *skyscape*; political ontology.

* CRIA-IUL/ISCTE — Instituto Universitário de Lisboa. Professor Auxiliar, Departamento de Antropologia. Email: francisco.oneto@iscte-iul.pt.

Anthropology is a kind of experimentation within a world that is neither social nor natural, but implicated in multiple connectivities that we are just now beginning to understand, and where our edgework takes off¹.

1. INTRODUÇÃO

Desde que, nos idos de 90, me deparei diretamente no terreno com o que Carmelo Lisón Tolosana denominou de «síndrome etnográfico bruxa-olho-inveja»², que a ecologia das ideias não cessa de me fascinar. Entre os pescadores da arte-xávega do Litoral Central Português, verifiquei a existência de uma conceção do infortúnio assente em duas imagens poderosas, com raízes históricas e culturais profundas³. A primeira dessas imagens é a da roda — expressão dos revezes periódicos da sorte e da fortuna, das «ruturas do equilíbrio rítmico»⁴ e da sucessão dos acasos na alternância entre escassez e abundância associada à imprevisibilidade do mar («rodas de mar») e à eventualidade da ocorrência de repetidos insucessos na pesca («má-roda»). A segunda é o olho — ou o olhar, a agencialidade da visão — enquanto veículo do idioma da inveja em que se expressam as tensões relacionais entre as companhas, os seus membros e respetivas famílias. Partindo da ideia, assinalada por vários autores em diversos domínios disciplinares, de que «o acaso aparece como o dado epistemológico fundamental do mundo»⁵, estes dois pilares da teoria do infortúnio levaram-me a explorar a pervasividade da imagem da roda a par com a dimensão escópica das relações sociais, abrindo espaço para novos nexos epistémicos, designadamente, o que conecta o olho, o espelho, a lente e a luz.

Na pesquisa subsequente, já longe das areias do Litoral Central, e sempre em diálogo com os conteúdos disciplinares inovadores da Antropologia que vou introduzindo no âmbito do exercício pedagógico, foram surgindo vários fragmentos conectores do que então designei «*protótipos culturais de circularidade*». O elemento líquido, os rios, os mares e os oceanos, muito para além da sua contiguidade metonímica com o exercício da pesca e da navegação, configuram um campo de possibilidades identificador de um desses protótipos: a água. A abóbada celeste, tal como revelada, por exemplo, pelas perenes doze figuras astrais da Antiguidade, pelas culturas megalíticas, ou pelos sistemas de navegação dos povos austronésios, abrem campo para o outro: o céu. A partir da diversidade e da variedade de expressões culturais ligadas a esses dois elementos, foram-se então definindo alguns contornos merecedores de uma primeira investigação exploratória.

¹ HASTRUP, 2014: 24.

² LISÓN TOLOSANA, 1987: 316.

³ NUNES, 2005.

⁴ LEROI-GOURHAN, 1987: 88.

⁵ MOLES, 1995: 200.

2. CIRCULARIDADE, CICLICIDADE, VERTICALIDADE

Escreveu Tim Ingold em 1991, no prefácio a um dos mais interessantes trabalhos de Antropologia Marítima dessa época que «... we should turn seawards to rediscover the continuities of the dwelt-in world»⁶. Alargando o âmbito da referência aos modos de vida associados ao mar, é também na forma como se processa a circulação da água entre os oceanos, a terra e a atmosfera, atravessando diferentes estados, que se exprime atualmente uma perturbação global nos sistemas de suporte à vida, pela perda da biodiversidade e pelos excessos da poluição e da depredação dos recursos terrestres. Em face do problema das alterações climáticas, é hoje evidente para a Antropologia «the power of water to make or unmake social worlds»⁷. Para além do ciclo hidrológico, o tema da circularidade contamina formas, expressões, ideias, saberes e modos de fazer, na arte, na ciência e na vida. A recorrência dos motivos circulares subjacentes à pendularidade e à alternância — das motricidades aos ritmos das sementeiras e das chuvas, das marés e das rotas dos astros — convoca-nos para um exercício em torno da multiplicidade dos seus emaranhados criativos, tendo como ponto assente que, no caso da Arqueologia, tal como noutras áreas disciplinares, «the discoveries of the last two decades have totally refocused our perceptions on the central importance of the sea in human development»⁸.

A relevância do tema da circularidade resulta de múltiplos fatores, desde logo no plano epistemológico, tal como decorre da exigência reflexiva imposta pela própria condição auto-referente de todos os processos em que a consciência se examina a si própria, ou seja: o que nos é dado averiguar acerca dos processos cognitivos depende do exercício desses mesmos processos cognitivos ou, como postula a teoria autopoietica, «tudo o que é dito, é dito por um observador»⁹. A definição da vida como um fenómeno circular¹⁰ evidencia a conexão entre o conhecimento e a visão — cumplicidade que não se situa apenas no plano geral da biologia da cognição e das tecnologias digitais de matriz escópica mas que é também, e sobretudo, um processo experiencial no qual emergem, em cada contexto histórico e cultural, as diversas expressões reveladoras desta «universalidade da forma circular»¹¹. Manuel Lima considera que o círculo é um símbolo presente «in all domains of human knowledge, across space and time»¹² e em todas as suas esferas expressivas. A propósito, justamente, do globo ocular e da íris, dirá que «the circle's inescapable beauty seems deeply rooted in our biology»¹³.

⁶ INGOLD, 1991: X.

⁷ HASTRUP & RUBOW, 2014: 2.

⁸ CUNLIFFE, 2017: V.

⁹ MATURANA & VARELA, 1980; MATURANA, 1988.

¹⁰ VARELA, 1984; VARELA *et al.*, 2016.

¹¹ LIMA, 2017: 11.

¹² LIMA, 2017: 11.

¹³ LIMA, 2017: 54.

Os quatro pares de temas dominantes identificados por Lima nos significados do círculo recobrem a multiplicidade de expressões que apresentarei neste texto como exemplos conectores ilustrativos dos dois protótipos culturais de circularidade: simplicidade e perfeição, unidade e totalidade, movimento e ciclicidade, infinitude e perpetuidade¹⁴ — atributos que facilmente reconhecemos tanto no elemento líquido como na abóbada celeste, no mar como nos astros do céu, em toda a gama dos seus movimentos, ciclos e ritmos, segundo a experiência vivida das sociedades e dos povos, das suas criações e modos-de-fazer, do trabalho na terra e no mar, da arte e da arquitetura, do amor e da morte, dos jogos e das narrativas... Nessa medida sempre vasta e imprecisa que é a da própria condição humana, a dança ilustra modos possíveis de pensar as continuidades inextrincáveis entre os domínios a que se referem os dois protótipos culturais de circularidade aqui identificados. Wendy James usou igualmente o termo «protótipo» para sugerir que «the analogy of the dance, and of the layered ‘choreography’ underlying lived activity, can be creatively extended to a whole range of social phenomena»¹⁵. Elizabeth Wayland Barber, por seu turno, debruçando-se sobre a Arqueologia, a Linguística e o Folclore, destaca a originalidade humana no plano sensório-motor e admite que, do ponto de vista evolucionário, a capacitação para a dança — combinação rítmica de som e movimento — precede a fala¹⁶. Considerando-a como «essência da vida» a dança é, portanto, irreduzível a uma mera forma de arte: «life causes motion, and motion can give evidence of life»¹⁷ — e convém sublinhar que os vários exemplos que ilustram o seu argumento em torno das deusas dançarinas, apontam recorrentemente para uma conexão evidente com a água, dada a íntima associação com as temáticas da fertilidade e a sua inserção no ciclo agrário anual, «it’s goal being an abundance of crops called luck»¹⁸. Barber faz remontar esta associação ao Neolítico e ao recurso aos «espíritos» para o controle da chuva¹⁹, mas é possível recuar ainda mais.

À luz da evidência dos estudos paleoclimáticos, a par da Paleontologia Humana, da Arqueologia Pré-Histórica e da Etnografia, Clive Finlayson defende que a água moldou a evolução e a expansão da espécie por toda a superfície terrestre, de acordo com a sua enorme dependência de fontes de água potável, levando à mobilidade de longo alcance e sempre em ressonância com o ciclo anual das variações sazonais²⁰. Deve salientar-se que deste dado decorre o aprofundamento de uma dupla dependência, criadora de novos mundos para a espécie humana: a dependência mútua, pela reciprocidade social, pelo altruísmo e pela cooperação para a sobrevivência, e a dependência epistemológica face à

¹⁴ LIMA, 2017: 32.

¹⁵ JAMES, 2014: 91.

¹⁶ BARBER, 2013: 338.

¹⁷ BARBER, 2013: 3.

¹⁸ BARBER, 2013: 3.

¹⁹ BARBER, 2013: 40, 332.

²⁰ FINLAYSON, 2014: 151.

natureza, pela necessidade de codificação da experiência das variações cíclicas, associando-as também aos movimentos do sol, da lua e das estrelas. Já no final do Pleistoceno, após a última grande glaciação e com o início da agricultura, o padrão da dependência da água acentua-se, sendo precisamente junto dos grandes rios que se encontram as principais zonas de dispersão populacional e se desenvolvem os mais importantes focos civilizacionais, no Crescente Fértil e na Mesopotâmia, no vale do Indo, na China, na América e em África.

A continuidade entre os domínios da água e do céu revela-se na sua complementaridade cognitiva em práticas tão fundamentais como a transumância, a agricultura ou a navegação. Um notável exemplo próximo é o trabalho de investigação do astrofísico Fábio Silva, graças ao qual foi possível desvendar a origem remota da designação da serra mais alta de Portugal: há 6.000 anos, o nascimento heliacal de Aldebaran, na constelação do Touro, sobre a Serra da Estrela, assinalava o momento da migração anual para as pastagens de altitude, revelando-se essa orientação na análise dos monumentos megalíticos da região centro a par com as reconstituições por software da localização dos astros visíveis no céu para as comunidades neolíticas do vale do Mondego²¹. No âmbito da Astronomia Cultural²², o deslumbramento humano face ao intangível céu estrelado devém inteligibilidade no conhecimento das diversas formas de referenciação usadas em diferentes latitudes culturais e períodos históricos, assinalando com marcadores próprios — inscrições, pedras erguidas ou narrativas — os movimentos cíclicos de passagem, ascensão e oclusão de determinadas estrelas e planetas sobre a linha do horizonte, como nos ocasos e nascimentos heliacais (nos momentos próximos do nascer e do pôr do Sol). O conceito de *skyscape*²³ fixa assim uma continuidade entre o céu e a terra através de um ordenamento do tempo do mundo²⁴ a partir da linha do horizonte, mapeando o céu e nele projetando a vida dos frutos da terra e dos animais, as sementes e as marés, os percursos, as construções humanas, os mitos e os calendários. Fábio Silva dá o exemplo das *huacas* andinas e da conceção do ciclo hidrológico expressa nos mitos dessa área cultural, em que a água circula entre o céu e a terra numa continuidade assente na identificação de regularidades e padrões de movimento nos astros — diurnos e noturnos — e na sua associação causal aos lugares e aos modos de vida humanos. A maravilhosa etnografia dos Barasana Tukano da Amazônia colombiana²⁵ assinala igualmente esta circulação da água e a sua continuidade entre o mundo subterrâneo, a terra e o céu, tendo neste caso as Plêiades como marcador dos momentos de transição

²¹ SILVA, 2012.

²² A Astronomia Cultural compreende três áreas principais de investigação: a história da Astronomia e da Astrologia, a Etnoastronomia e a Arqueoastronomia (SILVA, 2015).

²³ SILVA, 2015.

²⁴ BARBER & BARBER, 2005.

²⁵ HUGH-JONES, 1979.

sazonal. Assim, a circularidade encontra expressão privilegiada na pendularidade e na alternância rítmica presentes em inúmeros domínios da existência humana, local e globalmente.

Richard Bradley estudou detalhada e sistematicamente o registo arqueológico do Neolítico e da Idade do Bronze²⁶. A par com exemplos etnográficos de África (Nuba, Nankini) e da América (Navajo, Barasana-Tukano), confrontou a presença do «arquétipo circular» — expressão que usa no sentido de «protótipo», ou «modelo»²⁷ — com as construções retilíneas no que concerne à sua distribuição geográfica: «curvilinear architecture (...) was most apparent in regions which were connected by sea»²⁸, na Europa mediterrânica e Atlântica, enquanto as construções retangulares encontram-se sobretudo na Europa continental, no centro e no Norte. O primeiro exemplo apresentado por Bradley (Uisneach, no centro da Irlanda) assinala também a conexão desses monumentos pré-históricos com a abundância de fontes de água, nascentes de rios e ribeiros, e com o calendário ritual das festividades dedicadas a Beltene, segundo os mais comuns marcadores — equinócios e solstícios, os «quatro pilares do mundo»²⁹ unindo o céu e a terra.

A partir da identificação dessas quatro direções e, concomitantemente, dos momentos do ciclo anual que conferem aos movimentos do Sol um papel estruturante na vida das comunidades do Neolítico e da Idade do Bronze, surge-nos um outro elemento fundamental na exploração do protótipo circular: o eixo central, *axis mundi*. Como notou Bradley, «circular constructions reflect a perception of space that extends outwards from the individual and upwards into the sky»³⁰. Assim, estes pontos de contacto entre o céu e a terra sobre a linha do horizonte dão expressão e enquadramento às deslocações sazonais, à perceção dos longes e das distâncias e às viagens aventurosas, permitindo aos heróis e aos antepassados, como sublinha Mary W. Helms, ascender ao céu ou descer ao mundo subterrâneo³¹. O sentido da verticalidade, com os cultos à Luz e ao Sol associados ao ouro e aos heróis míticos, como Ulisses, estão atestados na Idade do Bronze, a par com o extraordinário desenvolvimento das viagens marítimas que consubstanciaram uma complexa rede de trocas que se estendia do Médio Oriente ao Báltico³². Se tomarmos em consideração, com Bradley, que muitas escavações arqueológicas, do Mediterrâneo ao Atlântico, sugerem uma continuidade do «arquétipo circular» entre os últimos caçadores-recolectores e os primeiros agricultores³³, estaremos

²⁶ BRADLEY, 1998, 2012.

²⁷ BRADLEY, 2012: 9.

²⁸ BRADLEY, 2012: 213.

²⁹ BARBER & BARBER, 2005: 218.

³⁰ BRADLEY, 1998: 109.

³¹ HELMS, 1988: 27; Cf. VAZ DA SILVA, 2008.

³² MOHEN *et al.*, 1999.

³³ BRADLEY, 2012: 8.

melhor preparados para vislumbrar na história e nas imagens das constelações celestes uma possível linha de continuidade que mergulha as suas raízes no período Paleolítico e, depois, «in a unbroken line from the Bronze Age to the Twenty-first Century»³⁴; e por outro lado, ainda, para reconhecermos o extraordinário potencial das descobertas arqueológicas de Gobekli Tepe, um suposto «santuário» cuja construção remonta aos primórdios do Neolítico, cerca de 9.000 a.C.³⁵.

3. ONTOLOGIA POLÍTICA: UM EMARANHADO DE CONTINUIDADES DIFERENCIADAS

Os dois protótipos de circularidade identificados, a água e o céu, evidenciam, pelo menos, três características matriciais:

3.1. A de se encontrarem intimamente conectados, tanto na ecosfera e na troposfera, nos processos biofísicos e meteorológicos, como no modo como estes são culturalmente experienciados — por exemplo, dilatando as fronteiras do visível muito para além da atmosfera terrestre, até ao espaço infinito. Deste ponto de vista, o que entendemos como «meio-ambiente» reporta-se não só ao domínio da experiência de habitar um mundo de textura plástica, de superfícies e materialidades, tal como amplamente explorado e descrito por Tim Ingold³⁶ e desenvolvido por Lambros Malafouris sob a forma de «*material engagement theory*»³⁷, mas também à experiência da Luz no arco maior da sua abrangência, enquanto fundamento pré-objetivo da existência³⁸. Como escreveu Hans Blumenberg, as condições para a vida na Terra posicionam-nos «entre o essencial e o sublime», pois se por um lado decorrem do facto de esta estar revestida de uma camada de gases suficientemente espessa para que não sejamos queimados pelas radiações cósmicas e que nos permite respirar, por outro lado, essa camada é também adequadamente fina para que o exercício da visão humana se possa debruçar sobre o infinito no emaravilhamento do céu estrelado³⁹.

Facilmente se depreenderá do trabalho de Tim Ingold que a experiência da luz e da atmosfera compreende, necessariamente, o elemento líquido sempre presente no «weather-world», estabelecendo na sua circulação uma continuidade entre a terra e o céu, bem como a própria possibilidade da vida no nosso planeta. Dispomos hoje, também, de vasta informação científica, histórica e etnográfica, que nos possibilita uma adequada compreensão das qualidades escópicas da água, por evidenciar «a way of conceptualising

³⁴ BRADY, 2016: 235.

³⁵ BRADLEY, 2012: 43; CAUVIN, 2000: 214-218.

³⁶ INGOLD, 2000, 2011, 2013, 2015.

³⁷ MALAFOURIS, 2013.

³⁸ INGOLD, 2000: 265; INGOLD, 2005; INGOLD, 2011: 96, 128.

³⁹ BLUMENBERG, 1987: 3.

the ‘substance’ of the self, emotional states of being, and social relationships»⁴⁰. Nesta perspectiva, o mar constitui-se como um domínio privilegiado, por ser simultaneamente rítmico, regular e imprevisível; por não compreender superfícies retilíneas, mas estabelecer linhas de movimento; e por ser uma infinitude contígua ao céu no horizonte, onde aos nossos olhos morrem e renascem os astros celestes.

3.2. A de se desdobrarem sobre si próprios numa multiplicidade de expressões fractais que pontuam a realidade de ser, estar e habitar o devir do sistema-mundo e dos seus inúmeros mundos constitutivos e emergentes, *umwelten*⁴¹, ou *pluriverso*⁴², como um emaranhado de continuidades diferenciadas – um mundo feito de muitos mundos partilhados, de senciência, intencionalidade e inter-agencialidades. Tim Ingold, referindo-se à dimensão afetiva e atmosférica da luz das estrelas e do seu pulsar (estando a uma distância infinita, tocam-nos a alma...), propõe uma leitura circular dessas qualidades fractais — linhas de continuidade e padrões de regularidade, repetições, brilhos, ritmos e alternâncias — imanentes aos dois protótipos de circularidade aqui identificados: «every perception of the world, in short, is part and parcel of the world’s perceiving itself»⁴³.

Também Arturo Escobar, apoiando-se na teoria autopoiética da Escola de Santiago (H. Maturana e F. Varela) e na Etnografia, se refere a uma ontologia da «circulação da vida» entre os povos das montanhas da Colômbia⁴⁴ e à «recursividade dos processos biofísicos e culturais»⁴⁵ subjacentes — a mesma recursividade fractal e o mesmo princípio de circularidade que encontramos na filosofia expressa nas palavras do xamã Alce Negro, dos Oglala Lakota, registadas por John Neihardt: «tudo quanto um índio faz, o faz num círculo, e isto porque o Poder do Mundo age sempre em círculos e tudo procura ser redondo»⁴⁶.

3.3. A de permitirem perspetivar as continuidades do «dwelt-in world» (Ingold) e, em conformidade, de nos podermos posicionar criticamente face à historicidade dos recortes classificatórios percebidos como pontos de rutura nessas continuidades, bem como às implicações e compromissos éticos, epistemológicos e políticos subjacentes — tendo como referente narrativo comum, não os humanos enquanto espécie, mas «a humanidade, como condição»⁴⁷. Por outras palavras, uma «economia simbólica da

⁴⁰ STRANG, 2004: 79.

⁴¹ VON UEXKULL, 2004.

⁴² ESCOBAR, 2018.

⁴³ INGOLD, 2016: 226.

⁴⁴ ESCOBAR, 2018: 75.

⁴⁵ ESCOBAR, 2008: 43.

⁴⁶ NEIHARDT, 2000: 194.

⁴⁷ DESCOLA, 2005: 37.

alteridade»⁴⁸ ou, melhor ainda — assumindo, com Escobar, a imensa ressonância cognitiva deste imbricamento profundo entre natureza, cultura, poder e política⁴⁹ — um novo enfoque de pesquisa muito adequadamente designado por *ontologia política*.

Tendo presente a emergência de um número crescente de propostas de transição energética e societal para uma economia circular ecologicamente virtuosa, sublinhe-se que ambos os elementos — a água e o céu — têm vindo a ser afetados sistemicamente pelos gravosos impactos da antropização. Os gases e os plásticos, a poluição atmosférica e oceânica, são parte de uma dinâmica maior e mais alarmante de perda da biodiversidade e de exaustão de recursos, originando o progressivo colapso dos sistemas de suporte à vida na Terra. Assim, os processos biofísicos a que se reportam os dois protótipos de circularidade identificados, são parte integrante da dinâmica dos fluxos de matéria e energia criados pela lógica dos preços num sistema de troca desigual⁵⁰. Daqui se depreende, desde já, que o caminho para o desastre ecológico refere-se igualmente a princípios de circularidade produtores de entropia, estando a transferência de custos ambientais para as periferias dos grandes centros do sistema-mundo assente numa estrutura de racionalidade económica e epistémica cuja natureza é indiferente e «cega para a vida»⁵¹ — marcada, portanto, pelas diversas formas de cegueira moral inerentes à *condição líquida da modernidade*⁵². Como propõe Hartmut Rosa, «within this circle acceleration always and inevitably produces more acceleration: it becomes a self-reinforcing ‘feedback system’»⁵³. Nesta «ontologia da devastação»⁵⁴ tão característica do atual estágio carcinogénico do capitalismo⁵⁵, os excessos de visibilidade inerentes à aceleração energívora da contemporaneidade e da rede digital global são também, portanto, produtores de invisibilidades alienantes. Recordo, a título de nota, que em Los Angeles, durante o apagão que se seguiu a um tremor de terra, em 1994, os números de emergência receberam inúmeras chamadas de pessoas que, vendo pela primeira vez a Via Láctea, haviam entrado em pânico⁵⁶.

Finalmente, já muito distantes da velha caverna platónica, do dualismo cartesiano e da obsoleta noção de «representação», os imaginários do paradigma emergente revelam-nos ainda o modo como também na Física teórica se criam mundos definidos por uma condição de pura circularidade epistemológica, de que é exemplo o *princípio antrópico participatório* do físico John Wheeler, abrindo caminho para uma reflexão

⁴⁸ VIVEIROS DE CASTRO, 1996.

⁴⁹ ESCOBAR, 2018.

⁵⁰ HORNBERG, 2001, 2011.

⁵¹ McMURTRY, 2012.

⁵² BAUMAN, 2005; BAUMAN & DONSKIS, 2014.

⁵³ ROSA, 2013: 151.

⁵⁴ ESCOBAR, 2018.

⁵⁵ McMURTRY, 1999.

⁵⁶ PINTO, 2017.

integrada sobre a condição humana, o tempo, a consciência e a luz. Nesta direção, o paradigma das «atmosferas»⁵⁷ e o conceito de «ressonância», de Hartmut Rosa⁵⁸, asseveraram-se contributos essenciais para um ulterior programa de pesquisa em torno das circularidades, da semente à estrela e mais além.

BIBLIOGRAFIA

- BARBER, Elizabeth Wayland (2013) — *The dancing goddesses. Folklore, Archaeology and the origins of European dance*. New York and London: W. W. Norton & Company.
- BARBER, Elizabeth Wayland; BARBER, Paul T. (2005) — *Of sky and time*. In BARBER, Elizabeth Wayland; BARBER, Paul T. — *When they severed Earth from the sky. How the human mind shapes myth*. Princeton: Princeton University Press e-book.
- BAUMAN, Zygmunt (2005) — *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Lda.
- BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas (2014) — *Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Lda.
- BLUMENBERG, Hans (1987) — *The Genesis of the Copernican World*. Cambridge MA and London: The MIT Press.
- BRADLEY, Richard (1998) — *The significance of monuments. On the shaping of human experience in Neolithic and Bronze Age Europe*. London and New York: Routledge.
- (2012) — *The idea of order. The circular archetype in prehistoric Europe*. Oxford: Oxford University Press.
- BRADY, Bernardette (2016) — *Images in the heavens: A cultural landscape*. In GUNZBURG, Darrelyn, ed. — *The imagined sky. Cultural perspectives*. Sheffield and Bristol: Equinox.
- CAUVIN, Jacques (2000) — *The birth of the gods and the origins of agriculture*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CUNLIFFE, Barry (2017) — *On the ocean. The Mediterranean and the Atlantic from Prehistory to AD1500*. Oxford and New York: Oxford University Press.
- DESCOLA, Philippe (2005) — *Par-delà nature et culture*. Paris: Gallimard Folio Essais.
- ESCOBAR, Arturo (2008) — *Territories of difference: place, movements, life, redes*. Durham and London: Duke University Press.
- (2018) — *Designs for the pluriverse. Radical interdependence, autonomy, and the making of worlds*. Durham and London: Duke University Press.
- FINLAYSON, Clive (2014) — *The improbable primate: how water shaped human evolution*. Oxford: Oxford University Press.
- GRIFFERO, Tonino (2017) — *Quasi-things: The paradigm of atmospheres*. Albany: State University of New York.
- HASTRUP, Kirsten (2014) — *Nature: Anthropology on the edge*. In HASTRUP, Kirsten, ed. — *Anthropology and nature*. Abingdon and New York: Routledge.
- HASTRUP, Kirsten; RUBOW, Cecile, eds. (2014) — *Living with environmental change: waterworlds*. Abingdon: Routledge.
- HELMS, Mary W. (1988) — *Ulysses's Sail: An Ethnographic Odyssey of Power, Knowledge, and Geographical Distance*. Princeton: Princeton University Press.
- HORNBERG, ALF (2001) — *The power of the machine: global inequalities of economy, technology and environment*. Walnut Creek CA, Lanham MD, New York and Oxford: Altamira Press.

⁵⁷ INGOLD, 2012; GRIFFERO, 2017; SUMARTOJO & PINK, 2019.

⁵⁸ ROSA, 2018.

- (2011) — *Global ecology and unequal change: fetishism in a zero-sum world*. Abingdon and New York: Routledge.
- HUGH-JONES, Christine (1979) — *From the Milk River: Spatial and temporal processes in Northwest Amazonia*. Cambridge, New York, New Rochelle, Melbourne, Sydney: Cambridge University Press.
- INGOLD, Tim (1991) — *Foreword*. In PÁLSSON, Gisli — *Coastal economies, cultural accounts. Human ecology and Icelandic discourse*. Manchester and New York: Manchester University Press.
- (2000) — *The Perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling and Skill*. London and New York: Routledge.
- (2005) — *The eye of the storm: visual perception and the weather*. «Visual Studies», vol. 20, n.º 2, October, p. 97-104.
- (2011) — *Being Alive: Essays on Movement, Knowledge and Description*. London and New York: Routledge.
- (2012) — *The Atmosphere*. «Chiasmi International», vol. 14, p. 75-87.
- (2013) — *Making: Anthropology, Archaeology, Art and Architecture*. London and New York: Routledge.
- (2015) — *The life of lines*. London and New York: Routledge.
- (2016) — *Reach for the stars! Light, vision and the atmosphere*. In GUNZBURG, Darrelyn, ed. — *The imagined sky. Cultural perspectives*. Sheffield and Bristol: Equinox.
- JAMES, Wendy (2014) — *The ceremonial animal. A new portrait of Anthropology*. Oxford and New York: Oxford University Press.
- LEROI-GOURHAN, André (1987) — *O gesto e a palavra 2 – Memória e ritmos*. Lisboa: Edições 70.
- LIMA, Manuel (2017) — *The book of circles. Visualizing spheres of knowledge*. New York: Princeton Architectural Press.
- LISÓN TOLOSANA, Carmelo (1987) — *Brujería, Estructura Social y Simbolismo en Galicia*. Madrid: Ediciones Akal.
- MALAFOURIS, Lambros (2013) — *How things shape the mind: a theory of material engagement*. Cambridge MA and London: The MIT Press.
- MATURANA, Humberto (1988) — *Ontology of observing: The biological foundations of self-consciousness and of the physical domains of existence*. In DONALDSON, R. E., ed. — *Conference workbook texts in cybernetic theory: An in depth exploration of the Thought of Humberto R. Maturana, William T. Powers, and Ernst von Glasersfeld*. American Society of Cybernetics, Felton CA, October, p. 1-54. Disponível em <<https://www.slideshare.net/Longsthride/ontology-of-observing-humberto-maturana-1988>>. [Consulta realizada em 22/09/2018].
- MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco (1980) — *Autopoiesis and cognition. The Realization of the living*. Dordrecht, Boston, London: D. Reidel Publishing Company.
- McMURTRY, John (1999) — *The cancer stage of capitalism*. London and Sterling VA: Pluto Press.
- (2012) — *Behind global system collapse: the life-blind structure of economic rationality*. «Journal of Business Ethics», 108, p. 49-60.
- MOHEN, Jean-Pierre et al. (1999) — *L'Europe au temps d'Ulysse: Dieux et héros de l'Âge du Bronze*. 25^{ème} Exposition d'Art du Conseil de l'Europe, Réunion des Musées Nationaux [catálogo de exposição]. Paris: Diffusion Seuil.
- MOLES, Abraham (1995) — *As ciências do impreciso*. Porto: Edições Afrontamento.
- NEIHARDT, John G. (2000) — *Alce Negro fala: A história da vida de um homem-santo dos Sioux Oglala*. Lisboa: Edições Antígona.
- NUNES, Francisco Oneto (2005) — *Hoje por ti, amanhã por mim. A arte xávega no Litoral Central Português*. Lisboa: ISCTE-IUL. Tese de Doutoramento.

- PINTO, Telma Filipa Vilarinho (2017) — *A Poluição Luminosa à luz do conceito de Antropoceno*. Lisboa: ISCTE-IUL. Tese de Mestrado.
- ROSA, Hartmut (2013) — *Social acceleration: a new theory of Modernity*. New York: Columbia University Press.
- (2018) — *Résonance: Une sociologie de la relation au monde*. Paris: Éditions La Découverte.
- SILVA, Fábio (2012) — *Landscape and Astronomy in Megalithic Portugal: the Carregal do Sal Nucleus and Star Mountain Range*. «Papers from the Institute of Archaeology», 22, p. 99-114.
- (2015) — *The role and importance of the sky in Archaeology: an introduction*. In SILVA, Fábio; CAMPION, Nicholas, eds. — *Skyscapes. The role and importance of the sky in Archaeology*. Oxford and Philadelphia: Oxbow Books.
- STRANG, Veronica (2004) — *The meaning of water*. Oxford and New York: Berg Publishers.
- SUMARTOJO, Shanti; PINK, Sarah (2019) — *Atmospheres and the experiential world: Theory and methods*. Abingdon and New York: Routledge.
- VARELA, Francisco (1984) — *The creative circle: sketches on the natural history of circularity*. In WATZLAWICK, Paul, ed. — *The invented reality*. New York: Norton Publishing.
- VARELA, Francisco; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor (2016) — *The embodied mind: Cognitive science and human experience* [Revised Edition]. Cambridge, MA and London: The MIT Press.
- VAZ DA SILVA, Francisco (2008) — *The Space-Time Coordinates of European Cosmology*. In MENCEJ, Miriam, ed. — *Space and Time in Europe. East and West, Past and Present*. Ljubljana: Department of Ethnology and Cultural Anthropology, University of Ljubljana.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo (1996) — *Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio*. «Mana», 2 (2), p. 115-144.
- VON UEXKÜLL, Thure (2004) — *A teoria da Umwelt de Jakob Von Uexküll*. «Galáxia: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica», Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, n.º 7, Abril, p. 19-48.